



Francisco Manoel da Silva

Dr. Pedro Hugo Martins Junior

Ocupa, o maestro Francisco Manoel da Silva, evidente lugar de destaque no cenário musical do nosso passado.

Recordar a sua brilhante personalidade é o nosso principal fim.

Nasceu Francisco Manoel, na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de Fevereiro de 1795, onde fez seus estudos iniciais, com o padre José Mauricio Nunes Garcia de quem foi dileto discípulo, -constituindo aliás esses dous mestres, os nomes mais destacados da música primitiva brasileira.

Foram ainda seus guias, Segismundo Neukomm e Marcos Portugal, ambos vindo para a nossa terra na época de D. João VI, época em que a arte musical, acompanhando a evolução do país, teve uns laivos de desenvolvimento, pois que, até então, quasi se cingira exclusivamente à música religiosa.

Proclamada a Independência, a música decaiu no Primeiro Império, apesar de D. Pedro I ser seu cultor apaixonado, para florescer plena de seiva, no governo do senhor D. Pedro II, quando atinge o apogeu, num excepcional brilho.

Francisco Manoel da Silva, um dos precursores, prevendo a derrocada da sublime arte em nosso país, funda em 1833, a Sociedade Beneficente Musical, que além de amparar seus associados, promovia aulas, difundia músicas, fazia concertos, organisava festivais. . .

[Era a semente das grandes iniciativas. . .

Notavel pianista, exímio violinista e violoncelista, galgou o alto posto de Mestre da Capela Imperial, por decreto de 17 de Maio de 1842, depois de ser um dos integrantes de sua orquestra.

Como fruto de seus esforços, envidando toda a sua energia e dedicação para o panorama metodológico do ensino musical, S. M. o Imperador D. Pedro II, por ato de 21 de Janeiro de 1847, funda o Conservatório de Música (posteriormente Instituto e atualmente Escola Nacional de Musica), que inicia suas atividades a 13 de Agosto de 1848.

Em 1855, é Francisco Manoel nomeado mestre efetivo do Conservatório, cargo desempenhado com galhardia, até a sua morte, ocorrida aos 18 dias de Dezembro de 1865, numa modesta casa à rua do Conde 48 (atual Frei Canéca), no Rio de Janeiro.

Como compositor, deixou-nos um Te Deum, Hino a Guerra, Compendio de Música, Matinas e a peça que devia immortalisa-lo — o Hino Nacional Brasileiro.

Confundem-se aqui, o autor e a obra, num brilho inextinguível de luz.

Composto em 1831, durante os tormentosos tempos regenciais e após a abdicação do primeiro Imperador, Pedro Calmon assim se expressa em sua referência: o Hino Nacional tem «as frescas harmonias de uma primavera, as arrogâncias marciais do povo em armas. . .»

Acompanhando toda a trajetória de nossa Pátria, todos os fatos

mais expressivos da vida nacional, o hino de Francisco Manoel já fez vibrar inúmeras gerações de brasileiros, nos momentos de alegria e Executado em 18 de Julho de 1811, despertou os maiores aplausos do povo e da cõrte, na cerimõnia da coroação e sagração, em honra ao 2º Imperador.

Ao som de seus vigorosos acordes, nossas tropas marcharam vitoriosas, pelos ensanguentados campos paraguaios. Seus magistrais tons maiores têm o poder de fazer-nos vibrar, tocando a corda mais íntima da nossa sensibilidade, nós que soldados fomos desta grande Pátria Brasileira.

Reboam ainda vitoriosamente, do outro lado do Atlântico, nos nevados campos italianos, onde a heroica F. E. B. escreveu capítulos de glória e heroismo.

BRASIL · AÉREO · CORREIO



O próprio Marechal Deodoro não teve ânimo de substituí-lo, quando, a 20 de Janeiro de 1890, no teatro Lírico (Rio de Janeiro), após brilhante concurso, onde magistrais peças de notáveis compositores foram executadas, afim de escolher o novo hino republicano, exclamou profundamente comovido:

— Mesmo assim, prefiro o hino velho!

Um mundo de pensamentos vários perpassavam o cérebro do lutador...

Quantas vezes não ouvira aqueles sons durante a guerra... quantas vezes não ouvira aqueles sons durante a paz... quanta tradição traduziam e encerravam... quanta energia inspiraram nos momentos críticos...

Não se contendo, deu ordem para a sua execução — verdadeiro delírio apossou-se de todos; fremindo de entusiasmo, pediam a continuação do hino de Francisco Manoel.

E ali mesmo no teatro, o veterano soldado, quasi chorando de emoção, atendendo a vontade do povo que era tambem a sua, manda Aristides Lobo (Ministro do Interior) anunciar a continuação do velho hino, ouvido até os nossos dias com unção e respeito, pelos, filhos imenso Brasil, desde o Amazona até o Chuí, representando a voz da propria Pátria no seu passado de glórias, na sua unidade indestrutível, nas suas tradições imorredouras, no seu futuro de esperanças

Em 1912, o Congresso Nacional aprova e oficialisa a letra do

saudoso mestre Osorio Duque Estrada, que compoz digna rima, cantada hoje por todos os brasileiros:

... «*Entre outras mil,
És tu Brasil
Ó Pátria amada*»...

Glória pois, ao imortal maestro Francisco Manoel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro, que nos legou tão grata lembrança do Império, vulto de incontestavel valôr no panorama musical do nosso paiz, «o músico das notas imortais», usando a linguagem de Escragnole Doria e a quem filatelicamente, prestamos devida e sincera homenagem, por ocasião do sesquicentenário de seu nascimento, em 1945.